

## **Iniciação Científica: Desenvolvendo Competências e Habilidades na Formação do Administrador**

**Autoria:** Enise Barth Teixeira, Marlise Sozio Vitcel, Amauri Luis Lampert

### **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância e a experiência da iniciação científica na formação acadêmica e profissional do Administrador, tomando como referência o curso de Administração de uma universidade comunitária do Estado do Rio Grande do Sul. A investigação classifica-se como exploratória e descritiva numa abordagem qualitativa. Os procedimentos técnicos empregados foram pesquisas bibliográfica, documental e de campo, sendo a de campo realizada mediante entrevistas com os atores implicados. Os resultados apontam uma contínua e crescente demanda pela iniciação científica, uma vez que esta possibilita ao futuro profissional, especialmente de Administração, um diferencial necessário para integrar-se ao mundo de trabalho, tanto organizacional como acadêmico. Conclui-se que essa atividade de iniciação a produção científico tem fundamental relevância na formação do(a) Administrador(a), pois oportuniza o contato com a pesquisa científica ainda na graduação e eleva o nível de aprendizado do estudante, bem como auxilia no desenvolvimento de suas competências e habilidades requeridas no atual mundo do trabalho.

### **1. Introdução**

A Iniciação Científica (IC) tornou-se prática recorrente no ensino superior, tendo como principal função a inserção do acadêmico no meio científico, o que contribui para que muitos destes estudantes decidam pela atuação no meio acadêmico na docência ou na pesquisa, bem como para a redução do tempo de formação de mestres e doutores.

Na Administração é muito importante que o estudante, como futuro profissional, tome contato com a pesquisa na universidade, no sentido de que, interagindo com o mercado, possa ter capacidade de análise mais perspicaz do que um estudante que apenas “passou” pelo curso. Há, ainda, a oportunidade do graduando que durante o curso se envolveu com pesquisa por intermédio da iniciação científica, de vir a se profissionalizar na docência e na academia, dedicando-se a pesquisa de caráter científico do campo administrativo.

A presente investigação objetiva, a partir deste contexto, discutir a importância da iniciação científica na formação do administrador que, em contato com a pesquisa, desperta a vocação para a academia logo na Graduação, proporcionando aos estudantes as diretrizes teórico-metodológicas que lhes permitirão melhores condições para a construção dos seus saberes.

O presente artigo estrutura-se em cinco partes. Na introdução aborda-se a temática central, o objetivo geral da pesquisa e a forma em que o texto está organizado. A segunda parte apresenta os aspectos conceituais sobre pesquisa e ensino e sua indissociabilidade, a iniciação científica, o papel de cada agente neste processo de formação, bem como os órgãos de fomento e os programas institucionais de iniciação científica. Na seqüência, apresentam-se os procedimentos metodológicos, sendo uma pesquisa exploratória, descritiva, utilizando como instrumentos a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A quarta parte se ocupa em descrever as práticas de IC desenvolvidas na Unijuí e no Departamento de Estudos da Administração (DEAd) e as percepções dos atores sociais implicados. Por fim, na quinta e última parte, estão reunidas as considerações finais da reflexão teórico-empírica.

### **2. Quadro Teórico de Referência**

O arcabouço teórico que serve de base para esta investigação é apresentado nesta parte, que se divide em dois tópicos. O primeiro versa acerca da pesquisa na universidade. O segundo e último tópico explicita e discute a Iniciação Científica, seus conceitos, programas institucionais e papéis dos agentes envolvidos.

## 2.1 A Pesquisa na Universidade como Princípio Educativo

Pensando a educação para uma sociedade do conhecimento, uma sociedade em transição, em contínuas mudanças, faz-se necessário ter presente a busca de uma educação libertadora para a autonomia dos sujeitos, capacitando os indivíduos para a determinação de sua formação histórica e, conseqüentemente, para a transformação social (FREIRE, 1979).

Frente a isso se torna necessário à educação universitária na construção do sujeito tomar por base os pilares da educação, proposto por Delors (1999, p. 89):

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos de compreensão: aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Tais pilares que, no entendimento de Pizolotto e Teixeira (2005, p. 5), constituem-se nos “verdadeiros pilares da própria vida, na medida em que carregam em si as dimensões da realização humana”.

A excelência acadêmica, buscada pelas universidades contemporâneas, traz consigo a discussão de que universidade se quer construir e em que parâmetros.

Luckesi et al (1991), defendem que se busque uma universidade em que a pesquisa - no sentido mais amplo - a avaliação crítica e o trabalho criativo, estejam entre suas preocupações fundamentais. Em que o ensino se realize com o máximo de informações em todos os níveis, de forma que a realidade seja percebida, questionada, avaliada e entendida em todos seus ângulos e relações, com rigor científico, para que possa ser transformada. Uma universidade, em que a comunidade acadêmica, com maturidade, competência e responsabilidade, em clima de liberdade, de reflexão, de intercâmbio de idéias, de participação em iniciativas criativas, atue sempre como sujeitos, nunca como objeto, no desempenho de suas respectivas funções.

Demo (1993, p. 127) sugere que "a alma da vida acadêmica é constituída pela pesquisa, como princípio científico e educativo, ou seja, como estratégia de geração de conhecimento e de promoção da cidadania". O desafio central da universidade sob esta ótica é a produção de conhecimento próprio com qualidade formal e política, capaz de promover o desenvolvimento. Isso só é possível mediante pesquisa como estratégia de geração de conhecimento e de promoção da cidadania, uma vez que “Pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção” (...) é “a atitude de aprender a aprender, faz parte de um processo educativo e emancipatório”, que implica em “uma atitude processual cotidiana” (DEMO, 1993, p. 128).

A pesquisa na universidade deve constituir-se uma das partes do tripé e não se manter isolada, etérea e deslocada da realidade. Minayo (2001, p. 17) explica que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

A Universidade, para Marques (2001, p. 134), ganha razão a partir do tripé Ensino, Pesquisa, Extensão. Em se tratando de pesquisa, o autor afirma que:

A pesquisa que imaginamos alma da universidade deve fazer-se presente em toda a universidade e informá-la por inteiro. Trata-se evidentemente de níveis diferenciados de pesquisa, cada qual com suas próprias exigências de articulação e de especialização. A universidade por inteiro a pensamos como abrangente articulação de linhas institucionais programáticas de pesquisa em que se insiram projetos específicos, plurais e diferenciados [...]

Na mesma visão, a pesquisa para Minayo (2001, p. 17) é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade.” É mediante a pesquisa que se alimenta a atividade de ensino e mantém-se atualizada frente às mudanças da realidade mundial. A pesquisa sempre vincula pensamento e ação.

A pesquisa em Administração, neste novo milênio, traz em voga muitos desafios para os administradores, cabendo a estes uma rápida tomada de decisão de forma mais precisa. O acesso à informação e ao conhecimento não é mais barreira, num contexto em que cada vez mais tecnologias são postas ao alcance das organizações. Para Hair Jr. et al (2005), os administradores precisam conhecer a pesquisa, uma vez que sem este recurso não é possível se beneficiar da inteligência que emerge da expansão das informações.

Torna-se então necessário para os profissionais de Administração a intimidade com a “pesquisa ação”, com a gestão do conhecimento e com as mudanças constantes. Nestes novos tempos, as organizações irão se deparar com a questão de poder emanada do conhecimento; porém, para chegar ao poder, os administradores terão que converter muita informação neste conhecimento esperado (HAIR JR., 2005). Uma das utilidades da pesquisa para o administrador pode ser o aprimoramento de seus métodos de produção, nível de organização e sustentabilidade das organizações.

Considerando o processo educativo individual, em que cada indivíduo é sujeito de seu aprendizado, Pizolotto e Teixeira (2005, p. 2) alertam que:

Espera-se e exige-se do universitário que realiza curso de graduação em Administração que: a) adquira, elabore e sistematize os conhecimentos (conceitos, teorias, enfoques, modelos de análise) básicos de cada componente que compõe seu curso; b) desenvolva habilidades para ler analiticamente como instrumentalização para obter, sistematizar, assimilar criticamente uma grande quantidade de informações sobre administração e áreas contíguas do conhecimento; c) conheça e exercite técnicas administrativas, de tal modo a assimilá-las e ter facilidade para utilizá-las no exercício de sua profissão; d) desenvolva hábitos e atitudes como: espírito crítico frente à realidade, exigência de rigor científico ou gosto pela investigação e ação metódicas, responsabilidade, busca de aprimoramento constante, iniciativa e criatividade. Sendo assim, um bom profissional em Administração precisa de conhecimento sobre a área, habilidades e atitudes.

Desta forma a pesquisa, enquanto princípio educativo deve estar presente em todas as esferas da universidade, auxiliando e constituindo o aprendizado dos docentes, pesquisadores e acadêmicos.

## 2.2 Iniciação Científica: desenvolvendo competências e habilidades

O processo de iniciação científica, em sentido *lato*, refere-se a:

[...] todo o percurso que os novos pesquisadores fazem, por meio do aprendizado no fazer, pesquisando, até conseguir segurança de construção de seus procedimentos metodológicos nos processos investigativos, ou ainda terem alcançado o reconhecimento da comunidade científica de sua área de conhecimento e/ou legitimidade institucional como pesquisadores (BARROS; LEHFEL, 1990, p. 23).

A IC é parte de um processo que permite introduzir os estudantes de Graduação, potencialmente mais promissores, na pesquisa científica, propiciando a estes a possibilidade de estarem desde cedo em contato direto com a produção científica, engajando-se em atividades de investigação. Nesta perspectiva, a IC caracteriza-se como ferramenta de apoio teórico e metodológico à realização de um projeto de pesquisa e se constitui em um canal adequado de auxílio para a formação de uma nova mentalidade no estudante. Assim, a IC pode ser entendida também como um recurso na formação.

A iniciação científica no âmbito da universidade deve ser considerada como sendo uma política institucional em detrimento de uma atividade eventual ou esporádica. Isso permite tratá-la separadamente da bolsa de iniciação científica, já que se toma a IC como um instrumento de formação, ao passo que a bolsa de iniciação científica é um incentivo

individual financeiro que se operacionaliza como estratégia de financiamento seletivo. Pode-se considerar a bolsa de iniciação científica como um processo de aprendizagem abrangente de fomento à formação de profissionais. É fundamental compreender que a IC é uma atividade bem mais ampla que sua pura e simples realização mediante o pagamento de uma bolsa (BARROS; LEHFEL, 1990).

Dessa forma, a iniciação científica configura-se num desafio para uma nova forma de se conceber o processo de formação na Graduação, por poder se apossar dele e orientá-lo por meio de uma ação pedagógica de qualidade, transformadora, que estimule a apropriação e a elaboração própria, independente, com autonomia, como sugere Freire (2000) em sua obra *Educação como Prática da Liberdade*.

A IC traz aos estudantes o prazer e o encantamento de descobertas agradáveis e alegrias na superação de possibilidades de desenvolvimento de suas potencialidades. É uma fase de trabalho responsável, motivado, criativo e de produção de novos conhecimentos. Goldenberg (2003) considera curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão como exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseando-se no confronto permanente entre o desejo e a realidade, entre o conhecimento e a ignorância.

Deve-se ainda reconhecer o “caráter formativo e estratégico da iniciação científica ao canalizar esses esforços empreendidos para formar e sedimentar conhecimentos em ciência e tecnologia, que poderão ser posteriormente aprimorados e aproveitados pelos seus iniciantes em programas de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado, na área” (BARROS; LEHFELD, 1990, p. 26).

Severi et al (1996), afirmam que a IC não pode ser entendida como uma especialização precoce ou como verticalização da formação, mas como formadora de mentalidades científicas, mediante a contextualização do estudante nas etapas de desenvolvimento da pesquisa. Em termos da qualificação dos estudantes que passaram pela experiência de IC, Minayo (2001), frisa que estes apresentam melhores condições no processo seletivo para ingresso em cursos em nível de Mestrado, e normalmente são os que concluem tais cursos em menos tempo.

O processo de formação dos acadêmicos inseridos na iniciação científica requer dos estudantes qualidades e habilidades que a interação com a academia ajuda a aprimorar. Tais qualidades e habilidades vêm ao encontro das competências estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares no tocante à Graduação em Administração.

As competências que devem fazer parte da formação profissional do Administrador (CNE, 2007) são:

- I – reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo produtivo, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo da tomada de decisão;
- II – desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais;
- III – refletir e atuar criticamente sobre a esfera da produção, compreendendo sua posição e função na estrutura produtiva sob seu controle e gerenciamento;
- IV – desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico para operar com valores e formulações matemáticas presentes nas relações formais e causais entre fenômenos produtivos, administrativos e de controle, bem assim expressando-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- V – ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade política e administrativa, vontade de aprender, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional;
- VI – desenvolver capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional, em diferentes modelos organizacionais, revelando-se profissional adaptável;

- VII – desenvolver capacidade para elaborar, implementar e consolidar projetos em organizações; e
- VIII – desenvolver capacidade para realizar consultoria em gestão e administração, pareceres e perícias administrativas, gerenciais, organizacionais, estratégicos e operacionais.

As competências e qualidades relacionadas nas Diretrizes Curriculares encontram estreita relação com as qualidades e habilidades de um pesquisador definidas por Collis e Hussey (2005).



Figura 1: Qualidades e habilidades necessárias ao pesquisador  
Fonte: Collis e Hussey (2005, p. 17).

O alinhamento identificado traz a possibilidade de conduzir o processo de formação do futuro profissional de Administração à resultados favoráveis no mundo do trabalho, seja nas organizações, seja no meio acadêmico-científico. Assim, ao tornar-se iniciante em pesquisa, é relevante que o acadêmico desenvolva e construa estas competências, habilidades e qualidades para constituir-se num administrador com perfil de questionador sistemático.

### 2.2.1 Papel dos agentes envolvidos na iniciação científica

A iniciação científica, compreendida como um processo acadêmico congrega atores e agentes, os quais têm direitos e obrigações. Neste processo de formação cada agente e ator, como a universidade, o orientador, os graduandos, bem como os órgãos de fomento - tem importante papel a cumprir.

A universidade, segundo Barros e Lehfeld (1990), deve assumir a pesquisa e a IC enquanto projeto institucional, em todos os níveis e segmentos, consolidando a produção científica mediante definição de linhas de pesquisa institucionais, com estímulos para ir ao encontro de projetos de pesquisa que possam surgir nos cursos de Graduação e Pós-graduação, aproximando docentes-pesquisadores de acadêmicos.

O docente-pesquisador, na função de orientador de IC, deve ser um guia, estimulando e auxiliando o estudante iniciante no percurso a ser cumprido para a realização da pesquisa. Indicando fontes de busca bibliográfica, analisando conjuntamente os dados e material coletado na pesquisa de campo ou experimental, discutindo os passos metodológicos e dando o norte na elaboração dos relatórios finais, além de corrigi-los com cuidado. O orientador deve adotar, no desenvolvimento de suas funções, metodologias e técnicas que complementem as práticas de ensino/aprendizagem do acadêmico (QUEBAUND, et al, 2003).

O acadêmico de Graduação, por sua vez, estando em pleno processo formativo, deve conciliar as ações necessárias para sua efetivação, cuja meta final é obter uma determinada qualificação profissional, com as demais ações referentes a sua qualificação como pesquisador ou para inserir-se no mundo de estudos científicos. Para isto, conforme Quebaund et al (2003), o estudante na IC deve assumir um papel ativo na construção de seu conhecimento e ser o protagonista do seu processo de aprendizado.

O CNPq (2007) ao conceder bolsa de Iniciação Científica exige que o acadêmico participe de eventos científicos, apresente resultados finais de pesquisa, em exposições orais, pôsteres, resumo, etc. que possa ser verificado o acesso a métodos e processos científicos.

É necessária a compreensão, dos atores envolvidos no processo de formação, de que para realizar um ensino de qualidade é preciso superar a atual organização de trabalho pedagógico partindo para um processo de ruptura, no qual assume um lugar privilegiado a prática do estudante, de superar a lógica tradicional de ensino e inserir um processo que estimule a curiosidade, a busca de solução de problemas, o despertar de interesses, a criatividade na solução de problemas, enfim, um processo pedagógico que de fato considere a indissociabilidade do tripé ensino-pesquisa-extensão como elemento estratégico da educação (FORGRAD, 2000).

### 2.2.2 Órgãos de fomento e programas institucionais de IC

Uma vez instituída a Iniciação Científica como política institucional, como parte integrante da formação acadêmica, as universidades podem e devem utilizar formas de incentivo aos acadêmicos para o seu ingresso na pesquisa. A Bolsa de Iniciação Científica (BIC) é vista como uma destas formas. O auxílio individual pode ajudar o estudante ao ingresso na iniciação científica e à pesquisa. O financiamento desta ação dá-se, mediante rubrica própria da universidade ou por agências de fomento à pesquisa.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) tem a missão de “promover o desenvolvimento científico e tecnológico e executar pesquisas necessárias ao progresso social, econômico e cultural do país” (CNPq, 2007), nos primeiros anos da década de 1950, criou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), cuja função é despertar vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre estudantes de Graduação, mediante sua participação em projetos de pesquisa, preparando-os para o ingresso na Pós-Graduação, bem como contribuir para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores.

O objetivo central do Pibic é estimular os estudantes de Graduação para a pesquisa científica, estabelecendo a possibilidade de colocá-los, desde cedo, em contato direto com as atividades científicas; ao mesmo tempo, pretende ser um mecanismo que estimule o pesquisador-orientador a formar equipes, propiciando às IES a possibilidade de formular políticas de pesquisa.

O Pibic/CNPq vem aumentando significativamente sua oferta de bolsas nos últimos tempos. Alcançou, em 1997, mais de 14.000 bolsistas em 106 IES no país. A magnitude dessa cobertura é melhor apreciada quando se considera que em 1996 foram concedidas 18.000 bolsas de IC, nas modalidades Pibic e “Balcão”, o que significa que 78% destes pertencem à modalidade Pibic.

Centrado na IC, o Pibic apresenta-se como programa de novos talentos em todas as áreas do conhecimento. “As universidades, para o funcionamento desses programas, devem seguir as normas apresentadas pelo próprio CNPq, tomando para si as etapas de avaliação e seleção de projetos de pesquisa apresentados ao programa” (BARROS; LEHFELD, 1990, p. 27).

Nos estados brasileiros encontram-se agências de fomento que são as Fundação de Amparo à Pesquisa. No Rio Grande do Sul, a Fapergs, oferece Bolsas de Iniciação Científica

(BIC) cujo objetivo é estimular a participação de estudantes de Graduação em projetos de pesquisa científica, tecnológica, artística ou cultural, sob a orientação de um pesquisador qualificado e visa despertar a vocação para a pesquisa científica (FAPERGS, 2006).

Para atingir o êxito destes programas institucionais de IC é necessário (BARROS; LEHFELD, 1990), que as universidades façam o acompanhamento sério e criterioso do trabalho e do desempenho dos bolsistas, mediante avaliação de relatórios parciais e finais de pesquisa.

### **3. Metodologia**

A presente investigação foi desenvolvida com abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo (2001), responde a questões muito particulares, aprofundando-se no mundo dos significados das relações humanas e suas intrincadas relações sociais. Em termos de seus objetivos classifica-se como exploratória e descritiva (VERGARA, 1997; GIL, 1999), e os procedimentos técnicos empregados foram: pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

A presente pesquisa pode ainda ser considerada como um estudo de caso (YIN, 2001), por focar a análise na experiência da Unijuí, sobretudo do DEAd, no que diz respeito à iniciação científica.

A pesquisa documental realizou-se por meio da investigação em documentos da Universidade em que foi pesquisado o histórico desta Instituição de Ensino Superior (IES) no que concerne a IC, bem como o ensino de Administração. Por meio de documentos colheram-se também as impressões da IES a cerca da IC, com documentos produzidos pela vice-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. Foram consultados para isto, livros e CDs de anais da Jornada de Pesquisa e do Seminário de Iniciação Científica, eventos que são promovidos anualmente pela instituição.

Os sujeitos da pesquisa foram o vice-reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, uma professora orientadora que também coordena o Programa da Capacitação de Bolsistas e Orientadores de IC do DEAd, bolsistas e ex-bolsistas. Os bolsistas são acadêmicos de Administração e os ex-bolsistas são egressos do curso de Administração, sendo que um deles está cursando Mestrado em Desenvolvimento pela Unijuí e o outro está em doutoramento em Contabilidade e Finanças na Universidade de Zaragoza na Espanha.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista, sobretudo porque este recurso, conforme Triviños (1987, p. 146), “(...) ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que a informação alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. A entrevista foi do tipo aberta.

Para o tratamento e análise dos dados adotou-se a análise de conteúdo, tendo em vista o contorno que a investigação assumiu, e esta pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Desta forma, a coleta, o tratamento e a análise dos dados ocorreram concomitantemente, como é típico em pesquisas qualitativas.

### **4. A Prática da Iniciação Científica na Unijuí**

A descrição da prática da IC, na universidade compreende esta parte, para tanto, inicia-se com dados históricos da universidade e de seus programas de IC, após caracteriza-se o curso de Administração e o profissional que o mesmo objetiva formar. Por fim, se expressa a percepção dos atores envolvidos na prática da IC na Unijuí.

#### **4.1 A iniciação científica na trajetória da Unijuí**

A Fidene, mantenedora da Unijuí, foi fundada em 1969, incorporando a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ijuí (FAFI), criada em 1957, e serviu de base para o desenvolvimento do Ensino Superior na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

A criação desta faculdade deu-se para suprir duas necessidades em especial (BRUM, 1998). A primeira, vinda dos Freis Capuchinhos, que buscavam uma formação mais comprometida para a população diante dos novos tempos; e a segunda, a necessidade da comunidade ijuicense e regional de educação superior.

A característica de ser uma universidade comunitária, ou pública não estatal, está presente, e perpassa sua visão institucional com a intenção de “Consolidar-se como universidade comunitária, pública não estatal, referenciada pela excelência e organicidade de suas ações e integrada ao processo de desenvolvimento da região” (UNIJUÍ, 2007).

Na busca pela excelência acadêmica, a Unijuí baseia sua estrutura de funcionamento no tripé ensino, pesquisa e extensão. A pesquisa ganha destaque pela geração de conhecimento e sua disseminação mediante a produção científica. Realimentando as atividades de ensino e extensão e, desta forma, cumprindo com a indissociabilidade das três atividades da academia. Para tanto, a universidade, em seu orçamento, destina um fundo para pesquisa, reservados especialmente como tempo de pesquisa dos docentes e bolsas de IC.

Os órgãos de fomento à iniciação científica, nos quais a Unijuí pleiteia concessão de bolsas de iniciação científica, são o CNPq e a Fapergs. O CNPq com vínculo em IC que remete os anos de 1980 na modalidade Balcão do CNPq e a Fapergs cuja vinculação firmou-se a partir da década de 1990. Além destes, a universidade mantém, também, desde 1990, um programa próprio de BIC, com destinação orçamentária anual, advinda do fundo de pesquisa.

A demanda por bolsas de IC no Estado foi aumentando no decorrer dos anos, em contrapartida, houve uma redução no número de concessões de bolsas Fapergs por projeto/universidade. No final dos anos 90, a partir de um incremento orçamentário do governo do Estado do RS, nesta rubrica, foi possível estruturar essa modalidade de apoio à pesquisa. No ano 2000 foram aprovadas 27 BIC/Fapergs para projetos da Unijuí, com um valor mensal de R\$ 250,00. No ano de 2002 a criação do Probic/Fapergs deu novo ânimo aos pesquisadores, com bolsas gerenciadas pelas instituições, passando a vigorar oficialmente no ano de 2003.

No Pibic/CNPq a Unijuí ingressou no ano de 1992, com uma quota institucional de 20 bolsas. Atendendo às normas do Programa, neste mesmo ano foi instituído o Comitê Local do Pibic – um grupo de docentes qualificados, de diversas áreas do conhecimento – para acompanhar e avaliar os bolsistas e o programa. O programa, ano após ano, foi evidenciando resultados significativos na qualificação da pesquisa e dos agentes envolvidos. Novo cálculo para definição das quotas institucionais foi adotado a partir do ano 2002 pela agência, com critérios como número de doutores, número de estudantes de IC que ingressam no Mestrado/Doutorado e número de pesquisadores com bolsa de produtividade em pesquisa. A nova sistemática garantiu à Unijuí uma quota de 32 bolsas, mantidas até julho de 2007.

No ano de 1996 foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Unijuí – Pibic/Unijuí. Com os mesmos objetivos do Programa do CNPq, o programa interno passou a suprir algumas lacunas do CNPq – bolsas em outros períodos do ano, bolsas por períodos diferenciados, etc. Este Programa foi concebido com fluxo contínuo, sendo o número de bolsas muito variável a cada ano. No quadro a seguir pode-se notar que há uma variação no número de bolsas nos três órgãos de fomento, tendo em vista que sua vigência é concessão atualmente é regulada por editais. Sabe-se que há, neste período, um número um pouco superior de bolsas, devido a projetos específicos de recursos a órgãos fomentadores, cujas bolsas estão vinculadas com a originalidade do projeto, como é o caso do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico-Tecnológico Regional no Estado do Rio Grande do Sul - Processo de Participação Popular (Procoredes).

Quadro 1 – Bolsas de IC por agência de fomento na Unijuí de 2003 a 2006

Órgão de Fomento/Período	2003/2004	2004/2005	2005/2006	2006/2007
CNPq	33	35	34	32
Fapergs	22	13	17	10
Unijuí	26	27	31	30
Total de BICs	81	75	81	72

Fonte: Vice-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão/Unijuí

Para ampliar o incentivo à inserção de acadêmicos em projetos de pesquisa, foi criado o Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (Provic) da Unijuí, o qual atende a uma demanda dos próprios pesquisadores, que buscam oficializar os voluntários e dos próprios estudantes, que buscam uma certificação para o seu envolvimento nas pesquisas. O programa reforça a idéia de que a IC é um processo de aprendizagem básico na formação e deve acontecer independente de incentivos financeiros.

Em pouco mais de uma década, pode-se perceber que a presença e atuação dos bolsistas nos departamentos complementou e reforçou os programas de pesquisa já existentes, assim como os mestrados da instituição, viabilizou o desenvolvimento de novos projetos e provocou uma melhoria significativa na sua qualidade. Os programas de bolsas de IC proporcionaram o fortalecimento da integração entre estudantes e professores e entre as várias áreas do conhecimento. Os estudantes de Graduação, bolsistas de IC, tiveram a oportunidade de iniciarem-se na aprendizagem e domínio de técnicas e métodos científicos, bem como tiveram um estímulo à criatividade e ao pensar cientificamente, contribuindo para uma participação mais efetiva nas dimensões teóricas em sala de aula, em novos estudos, em novas perspectivas de análise da realidade e despertando interesse em outros estudantes da Graduação. Atendendo a um dos principais objetivos dos programas de bolsas de IC, “Contribuir para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores” (CNPq, 2007), um número significativo de ex-bolsistas ingressa em programas de Pós-Graduação.

O DEAd iniciou sua atuação nos programas de IC em 1999 quando contava com uma bolsista via Fapergs. Nos anos subseqüentes o número foi aumentando gradativamente até os atuais padrões de 10 bolsas no ano. Do total de bolsas da Unijuí, o DEAd participou em 2003/2004 com seis bolsistas, sendo três do Pibic/Unijuí, um do Pibic/CNPq e dois BIC/Fapergs. Em 2005/2006 as cinco bolsas de IC vinculadas a projetos de pesquisa eram proveniente do Pibic/Unijuí, com incremento de um Pibic/CNPq e dois Fapergs. No ano de 2007 apresentam-se dez bolsistas, sendo sete Pibic/Unijuí, um Pibic/CNPq e dois BIC/Fapergs. Os dados apontam para uma participação do DEAd de 23% do total de bolsas concedidas pela Instituição na modalidade Pibic/Unijuí. Tal fato demonstra que, apesar da curta trajetória do departamento em IC, a pesquisa obteve peso relevante, especialmente após a inserção dos seus professores doutores no Mestrado em Desenvolvimento.

Merece destaque, a atuação dos bolsistas de iniciação científica como os principais disseminadores da atividade de IC com os demais estudantes do curso de Administração. Em várias situações são os atuais bolsistas que divulgam em sala de aula a oferta de novas bolsas. O processo de seleção dos bolsistas, no DEAd, segue alguns critérios como: ser graduando em Administração, caso não haja candidatos suficientes abre-se para cursos afins como Economia, Contabilidade, Gestão Pública, bom aproveitamento das disciplinas, dedicação para a pesquisa, entre outros. O curso de Administração, ministrado na Unijuí no turno noturno, congrega estudantes em sua maioria (95%) de trabalhadores, esta característica limita a disponibilidade de alunos para a IC, bem como outras atividades extracurriculares diurnas.

A atividade de IC na Unijuí, especialmente no DEAd, promoveu a sua inserção na comunidade científica regional, estadual e nacional pela participação em Seminários, Jornadas e Encontros em várias IES e em participações anuais na Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e da Jornada Nacional de Iniciação Científica (JNIC);

estimulou a ampliação da Pós-Graduação na Universidade; consolidou fóruns regulares de socialização das atividades de pesquisa, realizados anualmente e abertos à participação de todas as IES; promoveu as atividades de avaliação institucional na dimensão pesquisa e, com a participação do Comitê Científico e de Ética na Pesquisa e a presença de consultores externos e de representantes do CNPq, vem possibilitando, a cada ano, um aprimoramento no caráter científico das pesquisas e no seu direcionamento, visando, especialmente, o desenvolvimento regional nas suas várias dimensões.

#### 4.2 O Curso de Administração e o Profissional Formado

Ao longo das três décadas e meia de funcionamento, o Curso, criado em 1971, procurou formar Administradores para os diversos setores da sociedade, os quais sempre foram preparados com uma visão global, bem como uma capacitação técnico-científica que lhes possibilitasse a compreensão contextualizada dos problemas existentes nas organizações, e suas respectivas soluções mediante procedimentos administrativos, numa perspectiva sistêmica.

A proposta do curso, contudo, sempre foi conduzida com certa dinamicidade, via eventos avaliativos e integrativos, buscando ajustes pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem. Com as atividades de Ensino desenvolveram-se atividades de Pesquisa e Extensão, assim como de Pós-Graduação nos níveis *lato* e *stricto sensu*, as quais proporcionam permanente intercâmbio com a realidade, e uma realimentação constante para os professores sobre a prática das organizações. A formação de docentes qualificados e sua permanente atualização foi igualmente importante na constituição de um grupo para condução deste projeto de ensino.

O projeto político-pedagógico do curso de Administração ancora-se nas Diretrizes Institucionais de Ensino na UNIJUÍ, expressas na Resolução do CONSU de nº 08/99, que estabelece: I - a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; II - a formação integral e continuada; III - a excelência acadêmica; IV - a construção reflexiva do conhecimento; V - a verticalização da construção do conhecimento; VI - a integração entre graduação e pós-graduação; VII - a flexibilidade dos currículos e a organização curricular; VIII - a avaliação como processo de qualificação da atuação universitária; e X - a interação dos programas de ensino com o mundo do trabalho.

A partir de 1990, o DEAd teve seu quadro de professores consideravelmente enriquecido em número e qualificação. Em função disto, pode assumir com mais intensidade o ensino de Administração, quer em âmbito de Graduação, quer de Pós-Graduação. A partir do ano de 1999 os programas de pesquisa no DEAd começaram a tomar corpo, o que representa inúmeras vantagens para o curso de Administração. Um dos reflexos mais expressivos foi o lançamento da Revista de Estudos de Administração (REA) com classificação Nacional C na Qualis, criada com o objetivo de socializar a produção científica dos pesquisadores e a partir daí representar um instrumento de apoio em atividades de ensino e seu ingresso na IC. A revista além da publicação de artigos científicos, possui um espaço destinado a publicação de artigos de iniciantes, como trabalhos de graduação, de iniciação científica, denominado Primeiros Passos.

No ano de 2002, o DEAd passou a ter relação estreita com o Mestrado em Desenvolvimento, no envolvimento de cinco doutores docentes na construção deste Mestrado, dando mais ênfase à pesquisa relacionada com o *stricto sensu*, tendo como linha de pesquisa “Gestão das Organizações para o Desenvolvimento”, com ênfase para as seguintes temáticas: estratégias em organizações; competitividade, estratégias organizacionais e gestão de mudanças; organizações, gestão e aprendizagem; gestão de pessoas e comportamento organizacional; gestão da inovação e empreendedorismo; gestão mercadológica e comportamento do consumidor; sistemas de apoio à gestão e processo decisório; gestão do

desenvolvimento local e regional; gestão de políticas públicas; gestão social e cidadania corporativa; administração pública e sociedade civil; e relações interinstitucionais no processo de desenvolvimento.

O projeto de universidade e a proposta político-pedagógica do curso, por meio de suas políticas, estrutura e processos, constituem a base para a formação de um profissional de Administração, que consiga responder as exigências em competências e habilidades requeridas no atual contexto socioorganizacional. Ao mesmo tempo, cumpre também com os quesitos legais que a profissão acarreta.

A profissão de administrador surge a partir de legislação específica da categoria profissional – Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965. Em 1990 o debate nacional tematizava a reformulação dos cursos de Administração e, a partir de movimentos estudantis e da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (Angrad), propunha-se um novo currículo mínimo para adequar a formação profissional às exigências do mercado competitivo. Mediante um ensino da Administração que esteja amparado na pesquisa e na extensão nas organizações, querem os órgãos nacionais garantir a excelência da formação profissional no campo da Administração, preparando cidadãos para a busca de novos caminhos e alternativas para o desenvolvimento do País, dos Estados, dos municípios e das organizações em si. Foi com essa direção que o curso de Administração da Unijuí explicitou sua missão, que está assim formulada:

Ser um curso que produza e socialize o conhecimento do campo administrativo, e que forme cidadãos com capacidade de análise crítica, postura ética e competência profissional, aptos a atuar como agente de mudança e a gerir sistemas organizacionais com espírito empreendedor, oportunizando às organizações e à sociedade a habilidade de gerenciamento frente aos contínuos desafios e transformações ambientais (DEAD, 2001, p. 9).

Sem dúvida a consecução da missão deste curso de Administração afeta um conjunto de sujeitos – a instituição de ensino/departamento, o corpo docente, o estudante e as organizações da região. Mas é, em especial, a reflexão sobre os referenciais necessários ao sujeito-estudante para o exercício de seu papel na construção de sua identidade de administrador(a), que passa a ser a tônica desta abordagem.

Reinert e Reinert (2005, p. 3), defendem a idéia de que o estudante deve ser entendido e entender-se como parceiro da instituição de ensino da qual ele faz parte, no sentido que “quanto mais ela for, mais reconhecidos serão aqueles que nela estão ou já estiveram” referindo-se à universidade. Isso traz ao acadêmico maior sentimento de responsabilidade pela instituição. Tem-se clara a necessidade da integração, do envolvimento e do comprometimento dos estudantes com o projeto político-pedagógico, hoje um requisito do Ministério da Educação. Alcançar esses objetivos requer contínuas ações de reflexão por parte dos estudantes a respeito dos “referenciais” básicos para a formação do(a) administrador(a). Esses referenciais representam o norte na formação dessa identidade. E esse tem sido o desafio maior para o ensino da Administração orientado à formação de uma identidade de administradores.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, no que se refere a educação superior, explicita que esta deve ter por finalidade “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive”, e “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade” (LDB, 2007).

Diante do desafio de uma educação com qualidade e a formação de um profissional de Administração competente, o curso de Administração da Unijuí busca conduzir seu projeto político-pedagógico com propostas pautadas na pesquisa como princípio educativo.

### 4.3 A Voz dos Atores Envolvidos na Iniciação Científica

A pesquisa como princípio de formação acadêmica, sobretudo no que concerne a IC, requer atenção e comprometimento dos sujeitos envolvidos na atividade.

O Vice-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão friza que a Unijuí como um todo está engajada no propósito de transformar a iniciação científica em um espaço de aprendizagem acadêmica e oportunidade de descoberta do mundo da pesquisa pelo estudante iniciante (FRANTZ, 2006).

Na ótica institucional está explícita a relevância da pesquisa na formação acadêmica. As ações focadas na IC vêm auxiliando muitos acadêmicos pesquisadores a ingressarem, com grande diferencial, nos melhores cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* do Brasil. Além disso, um número significativo de ex-bolsistas está atualmente atuando como professores e pesquisadores universitários. Dessa forma, confirma-se que os programas de IC do CNPq, da Fapergs, bem como das IES, são fundamentais para a qualificação da pesquisa brasileira (BEDIN, 2002).

O relato de uma professora orientadora de IC, que tem acompanhado bolsistas desde 2000, considera que o aprendizado do estudante que passa pela experiência da IC se diferencia positivamente dos demais acadêmicos, em virtude da intensificação da relação do acadêmico com a universidade, de forma especial com seu curso, pelo fato de ter ampliado significativamente seu tempo no espaço universitário. Em seu depoimento destaca ainda que:

Na medida em que o bolsista ingressa nessa atividade, são percebidos benefícios acadêmicos, como: maiores e melhores condições de realizar sua formação acadêmica, devido a vivência no meio acadêmico; ampliação dos conhecimentos sobre métodos e técnicas de pesquisa; exercitar o desenvolvimento de trabalhos em equipe; participação em eventos realizados pela universidade, que estão associados direta ou indiretamente à temática em investigação; maior participação das atividades desenvolvidas no curso, tanto curriculares como extracurriculares; oportunidade de desenvolvimento de domínios inerentes ao perfil profissional, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências; maior acesso a infra-estrutura existente na universidade, seja manuseando tecnologias no campo da informática, seja pesquisando na biblioteca e outros bancos de dados; participar na Jornada de Pesquisa e no Seminário de Iniciação Científica promovidos pela universidade, na Jornada Nacional de Iniciação Científica da SBPC, apresentando resultados de sua pesquisa no projeto e assistindo a apresentação de outros trabalhos.

A qualificação dos profissionais de Administração com competências e habilidades para desenvolver investigações teórico-práticas, é outra questão relevante na ótica desta professora quando afirma que “certamente se tivéssemos um maior número de acadêmicos, na condição de bolsistas de iniciação científica, haveria um avanço qualitativo nas atividades de ensino e pesquisa, inerentes à universidade, sobretudo no curso de Administração”. Defende, portanto, que a IC contribui significativamente na melhoria dos processos de ensino-aprendizagem.

As declarações dos bolsistas e ex-bolsistas permitem identificar e descrever as razões que os levaram a realizar atividades de iniciação científica no DEAd, bem como a importância da bolsa de IC para seu processo de formação e, ainda, o significado e as contribuições para suas vidas da experiência de iniciação científica.

Nas razões para a busca da pesquisa, embora sejam distintas, constata-se já a pretensão de seguir carreira acadêmica, como fica explícito nas falas dos três atores entrevistados.

Para o doutorando, sua aproximação com a pesquisa deu-se

[...] no final do ano de 2001 quando realizei os primeiros trabalhos voluntários para um grupo de pesquisadores do DEAd, aplicando questionários em indústrias familiares na cidade de Ijuí. Neste momento tinha como incerto o meu futuro profissional como administrador e, a partir deste momento, começou a despertar o meu interesse pela pesquisa e, principalmente, pela área acadêmica.

O depoimento do mestrando revela o desejo de seguir a carreira acadêmica, na medida em que passa a se constituir no seu projeto pessoal e profissional. Sua fala esclarece que ao “levar em frente um projeto de vida, que havia revelado em minha entrevista de seleção para bolsista, estava claro, para mim, que a partir da oportunidade que se apresentara, não seria mais possível abnegar das chances que a cientificidade agrega ao acadêmico”. O mestrado, deste modo, veio como seqüência natural de sua caminhada acadêmica. Merece destacar que, devido sua experiência e sua produção científica, classificou-se entre os primeiros selecionados do Mestrado, auferindo bolsa Capes para a realização do curso.

A razão que levou a atual bolsista de IC a se engajar na pesquisa acadêmica é assim relatada

[...] a busca de trabalho em pesquisas de iniciação científica decorre do desejo de estar inserida no meio acadêmico. Essa prática proporciona conhecimento intelectual, interação com os professores e busca de realizações pessoais, uma vez que estimula o processo de quem anseia tornar-se professor universitário. Por isto, a iniciação científica é uma boa opção para quem demonstra interesse em contribuir para a ciência e não busca apenas satisfação financeira, em um trabalho sem perspectivas, ou que não envolva conhecimentos à luz dos fundamentos teóricos.

Os depoimentos dos sujeitos entrevistados confirmam que a realização pessoal e profissional passa pela pesquisa e pela academia, permitindo qualificar o desempenho acadêmico e o amadurecimento do futuro profissional.

No que concerne à importância da experiência como bolsista de IC para a construção de seu conhecimento e a contribuição da mesma na vida profissional, os discursos reportam à questão metodológica e à capacidade investigativa, crítica e analítica. Destacam ainda outras oportunidades que a IC proporciona: acesso ao acervo bibliográfico da área das Ciências Sociais Aplicadas, em especial na área de Administração, a vivência com o corpo docente do DEAd em seu dia-a-dia, as experiências da interdisciplinaridade, da interinstitucionalidade, da convivência com orientadores, com outros estudantes, o compartilhamento de experiências, a evolução dos trabalhos num construto orientando e orientador e os momentos de socialização da produção científica.

Em relação à produção científica, o ex-bolsista, atualmente mestrando, sugere que:

[...] partindo do princípio de que a IC é a porta de acesso ou passaporte para as atividades associadas com a produção científica, vale registrar que a sua disseminação e o respectivo uso de informações, desde o instante em que o pesquisador concebe a idéia para sua pesquisa até quando as informações de seu trabalho são aceitas como constituintes do conhecimento científico, são relevantes para orientador e orientando, de modo que respeitados os níveis hierárquicos e a co-autoria apresenta-se como um fator determinante de produção científica também para o bolsista.

A partir destes relatos, constata-se que o processo educativo mediado pela iniciação científica gera aprendizagens significativas tanto para os graduandos como para os professores orientadores, assim como a própria universidade. Fica perceptível que a política institucional em conceder e mediar bolsas de iniciação científica cumpre sua missão ao proporcionar aos acadêmicos essa interação com a pesquisa.

## 5. Considerações Finais

A Iniciação Científica cumpre importante papel para a ciência no Brasil. A aproximação de graduandos com a pesquisa acadêmica, torna o campo científico nacional mais forte e permite a qualificação profissional em níveis de Pós-Graduação em um período de tempo bem menor do que seria sem este contato com a pesquisa. A inserção de acadêmicos de Administração em programas de bolsas de IC tem sido primordial e determinante na sua complementação profissional, uma vez que lhes permite focar na profissão de pesquisador e de docente, como também facilita sua inserção no mercado de trabalho de maneira mais qualificada e preparada para as constantes mudanças do mundo organizacional.

Os resultados do estudo permitem afirmar que a IC contribui de uma forma relevante para a consolidação do estudante como agente de sua formação, auxiliando na construção do conhecimento tanto em sala de aula, como para o mundo do trabalho. A seqüência da capacitação após a Graduação, em Mestrados e Doutorados, é também auxiliada pelo ingresso na vida acadêmica ainda na Graduação.

Considera-se importante que os estudantes, especialmente de Administração, busquem este diferencial na Graduação, a integração com o orientador, o contato com seu departamento, a maior inserção na vida universitária, para que, a partir da IC, consigam firmar-se como pesquisador social, tanto o discente, como o docente, como questionadores sistemáticos, contribuindo para ampliar o nível de conhecimento do seu curso. A metodologia da pesquisa, o acompanhamento, a pesquisa conjunta, a socialização de informações, entre outros, devem balizar as ações do orientador no auxílio à construção do conhecimento do acadêmico pesquisador, contribuindo para sua produção científica e seu amadurecimento intelectual.

A universidade tem a importante função de formular e manter políticas institucionais para a iniciação científica, a fim de torná-la presente e constante em seu projeto de formação acadêmica, disponibilizando recursos e tempo dos docentes para a pesquisa, auxiliando o progresso da ciência nacional.

Por fim, sugere-se que os cursos de Administração, ante o compromisso de formar administradores competentes em face aos desafios do atual contexto socioeconômico e da responsabilidade em consolidar o ensino superior no campo de saber administrativo com qualidade, desenvolvam ações voltadas à iniciação científica capazes de promover a articulação entre a academia e o espaço organizacional, o progresso das Ciências Sociais e o contínuo processo de constituição do aluno em sujeito de seu aprendizado.

### Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. São Paulo, SP: Makron Books, 2000.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BEDIN, G. A. Apresentação. In: Seminário de Iniciação Científica, 10, 2002, Ijuí. **Livro de resumos...** Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. p. 5-6.
- BRUM, A. J. **UNIJUÍ**: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias. 2. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.
- CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: [www.cnpq.br](http://www.cnpq.br). Acesso em: 12 abr. 2007.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=section&id=6&Itemid=227>. Acessado em: 12 de abril de 2007.
- DEAD. Departamento de Estudos da Administração. **Guia acadêmico do curso de Administração**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- DELORS, J. (Org.). **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:

MEC, UNESCO, 1999.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FAPERGS. Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do RS. Disponível em: <http://www.fapergs.rs.gov.br/>. Acesso em: 7 jun. 2006.

FORGRAD. **O currículo como expressão do projeto pedagógico**: um processo flexível. Niterói, RJ, 2000.

FRANTZ, T. R. Apresentação. In: Seminário de Iniciação Científica, 14, 2006, Ijuí. **CD de resumos...** Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HAIR JR., J. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm). Acessado em: 12 de abril de 2007.

LUCKESI, C. et al. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUEBAUD, M. R., et al. A iniciação científica como atividade obrigatória no curso de engenharia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 21., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ, 2003.

PIZOLOTTO, M. F.; TEIXEIRA, E. B. A Pesquisa como Princípio Educativo: discussão de uma prática pedagógica interdisciplinar no curso de Administração da UNIJUI In: II SIEMPRE - SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM EMPREENDEDORISMO, 2005, Lajeado - RS. **Anais...** Lajeado: UNIVATES, 2005.

REINERT, J. N.; REINERT, C. Estudante não é cliente: é parceiro. In: ENCONTRO DA ANPAD, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília, DF, 2005.

SEVERI, T. J., et al. PIBIC: "Mostra tua cara". In: ENCONTRO DA ANPAD, 7., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, SC, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: [www.unijui.edu.br](http://www.unijui.edu.br). Acessado em: 12 de abril de 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.